



“
A crise económica parece ter tido um efeito desestabilizador sobre o padrão [dos estudos anteriores]

António Costa Pinto
Político



Crise leva um quinto dos portugueses a terem saudade dos tempos antes do 25 de Abril

Estudo mostra que continua a haver muito orgulho na transição para a democracia, mas também que a atitude em relação à vida da pós-revolução tem vindo a provocar algum desânimo

Maria Lopes

Mais de quatro décadas depois do 25 de Abril, ainda haverá pelo menos um quinto dos portugueses com saudade dos tempos pré-revolução e que têm uma percepção positiva do autoritarismo de então. Entre eles estão os que estavam a entrar na vida adulta quando se deu a Revolução dos Cravos e aqueles que nos últimos anos foram de afectados pelo desemprego na crise que o país tem vivido de forma mais expressiva desde o início desta década.

As conclusões são de um conjunto de estudos de investigadores do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS) com base nos dados de um inquérito realizado em 2014 pelo Observatório da Qualidade da Democracia e pela GfK Metris. Parte dos resultados desse estudo fora já utilizada para a conferência dos 40 anos da revolução, mas os vários investigadores do ICS deram-lhe agora nova roupagem para editarem um número especial da revista *South European Society and Politics*. Sob o título “A presença do passado: percepções de autoritarismo e transição democrática no Portugal contemporâneo”, são reunidos diversos artigos de cientistas políticos que tentam perceber como a realidade antes da mudança para a democracia ainda influencia hoje as atitudes e o comportamento político.

“Portugal tem poucos estudos longitudinais que nos permitam ir analisando ao longo do tempo as atitudes dos portugueses e, neste caso, conseguimos comparar diversas matérias em 2014 e em 2004, quando foi feito um inquérito parecido”, contou ao PÚBLICO o politólogo António Costa Pinto, um dos coordenadores desta edição da revista, embora lamentando a falta de dados e realçando que em Espanha se fazem estudos deste tipo de dois em dois anos.



Os que votam mais à direita no espectro político têm maior identificação com o Estado Novo, diz estudo

“Não há sombra de dúvida de que os portugueses se orgulham da Revolução de 1974 e têm uma imagem positiva sobre o 25 de Abril enquanto acto de ruptura com o passado. Identificam como consequências mais positivas os aspectos do Estado-providência relacionados com o investimento na educação, habitação e saúde”, descreve Costa Pinto. No inquérito, respondido por 1256 pessoas maiores de 15 anos, 58% dizem que a revolução “teve coisas mais positivas do que negativas”. Esta percentagem foi agora igual à de 2004. Mas se em 2004 14% diziam que a revolução teve mais coisas negativas, agora são 10%. E há agora mais gente (79% contra os 77% de 2004) a ter orgulho na forma como foi feita a transição.

O estudo tentou apurar qual a diferença de percepção consoante o nível de socialização – iniciada nos anos 50 e nos anos 60 – ou seja, os

que já eram adultos em 1974 e os que estavam ainda na juventude – e também nos anos de 1970 e 1980, sem vivência do Estado Novo. A geração dos anos 60 tem uma maior taxa de rejeição em relação ao Estado Novo do que a geração de 50, afirma António Costa Pinto, acrescentando que isso se explica pelo envolvimento na guerra colonial e por uma maior percepção, naquela altura, da diferença entre Portugal e a vida democrática internacional.

Como seria de prever, “as gerações socializadas depois da Revolução dos Cravos são as menos propensas a avaliar positivamente o Estado Novo”, dizem os autores. “Ainda hoje, cerca de 20% dos indivíduos têm uma percepção positiva do autoritarismo, demonstrando que isso se fica a dever tanto a factores de socialização, como de ideologia e identificação partidária”, revela o estudo. Em

Os portugueses orgulham-se da Revolução de 1974 e têm uma imagem positiva sobre o 25 de Abril enquanto acto de ruptura com o passado. Congratulam-se com o Estado-providência — saúde, educação e habitação

2004, 19% responderam que o Estado Novo teve mais consequências positivas do que negativas, mas dois anos depois já eram 21%. E os 28% que consideravam que aquele regime teve consequências tão positivas como negativas aumentaram agora para 32%. Se em 2004 havia 54% a responder que o Estado Novo foi mais negativo do que positivo, agora são apenas 47% a fazer a avaliação taxativamente negativa.

Costa Pinto diz que é “relativamente natural que aqueles que votam mais à direita no espectro político como o CDS-PP, tenham uma maior identificação com o Estado Novo” acrescenta o factor idade: “Quanto mais velho o indivíduo e mais socializado numa fase anterior à revolução, maior é a identificação com o autoritarismo.”

“Contudo, a crise económica parece ter tido um efeito desestabilizador” sobre esse padrão, já que há cerca de 10% dos que mostram que entre os mais afectados pela crise, como a população desempregada, “a propensão para avaliar positivamente o Estado Novo aumenta”, destaca o coordenador dos estudos. “Ter uma atitude positiva perante o antigo regime por ser uma forma de protesto contra a crise, o Governo, os partidos políticos tradicionais, as medidas de austeridade e as instituições políticas nacionais e internacionais”, lê-se num dos estudos que vão ser publicados.

Um dos estudos mostra que houve um “declínio bastante acentuado entre 2004 e 2014 na importância que o 25 de Abril tem para distinguir esquerda e direita ou entre quem tem simpatia por partidos diferentes. Essas diferenças notam-se sobretudo nos partidos dos extremos – BE e CDS-PP. Os eleitores de ambos dizem agora (58%) que a revolução teve mais consequências positivas do que negativas (57% dos que votam PSD respondem o mesmo); em 2004, eram 77% dos que votavam BE a fazer essa avaliação positiva e 15% do CDS.